

## PAULINA CHIZIANE: A VOZ DA MULHER NEGRA EM MOÇAMBIQUE

Sandra Maria Gonçalves da Silva (UNEMAT)<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo discutir, por meio das personagens femininas, os conflitos vividos pela mulher moçambicana com relação à sua cor e cultura. Para isso, teremos como objeto de estudo o romance *O Alegre Canto da Perdiz* (2010), da escritora Paulina Chiziane. Buscaremos embasamento para essas considerações em Frantz Fanon. Considerando que a autora se destaca como primeira mulher negra a ser reconhecida como escritora em Moçambique, observaremos o papel da autora como intelectual segundo o conceito desenvolvido por Edward Said. Para consolidarmos as nossas reflexões, buscaremos embasamento nos textos de opinião, entrevistas e depoimentos da autora.

**Palavras-chave:** Literatura Moçambicana; Paulina Chiziane; *O Alegre Canto da Perdiz*; Mulher e preconceito.

A escrita literária da África de língua portuguesa tem se destacado pelas mãos de escritores masculinos, pois é notável a escassez de romancistas e poetas femininas neste contexto, já que as mulheres tiveram acesso à escrita tardiamente. Isso se deu devido à herança deixada pelo período colonial. Soma-se ainda o fato de que a ligação com a tradição também se constitui uma das razões pela qual grande parte das mulheres não tem educação formal. Suas atividades cotidianas limitavam-se ao espaço do lar ou aos cuidados com a lavoura, função que em grande parte da África ficava a cargo da mulher.

Em Moçambique, somente após a independência, conquistada com conflitos armados, e em seguida uma guerra civil, a escrita da mulher – de forma muito tímida – começou a ter visibilidade, e suas histórias passaram a ganhar destaque pelos seus próprios punhos. Há de se considerar que no Ocidente, em pleno século XXI, a liberdade ainda é alvo de luta das mulheres que anseiam também pela igualdade de direitos. Em várias partes dos países africanos, essa é uma luta relativamente recente, pois a figura feminina, em sua maioria, condicionada à submissão, sequer questiona ou questionava a subalternidade imposta a ela.

A autora Paulina Chiziane abre uma fissura nesse espaço majoritariamente demarcado pela escrita masculina e se inscreve como escritora que ilustra as experiências de mulheres negras, por meio de personagens femininas protagonistas. Sua voz destaca-se por ser a voz de uma mulher negra de classe desprestigiada e filha de Moçambique que fala de si e acessa o mundo de outras mulheres em condições semelhantes às suas. Os

---

<sup>1</sup> Doutoranda em Estudos Literários, UNEMAT (Universidade do Estado do Mato Grosso), *campus* Tangará da Serra. Contato: pnanag1@hotmail.com.

seus romances geralmente problematizam as contradições de uma sociedade que, embora tenha conquistado a libertação nacional, vivencia ainda a ideologia colonial inscrita em seu imaginário, mas também busca incansavelmente uma forma de também despir-se dessa clausura ideológica.

As personagens femininas da escritora Paulina Chiziane vivem entre a luta para se libertar da opressão de dois mundos: o da cultura tradicional do seu povo e o da cultura colonial portuguesa. Essa realidade é visível no romance *O Alegre Canto da Perdiz*. Nele, a protagonista Delfina quer ser reconhecida e respeitada como cidadã e como mulher. Na tentativa de realizar esse sonho, abre mão do amor por um negro, José dos Montes, e passa a viver com o amante branco, o português Soares. O desejo de ascensão social torna-se o foco na vida de Delfina, acredita que o seu reconhecimento como mulher e cidadã subjaz à pele branca. Em um diálogo com José dos Montes, quando ela quer deixá-lo para viver com o português que já era casado, ela diz: “- E daí? Vale mais a pena ser amante de um branco por um instante que esposa de preto toda a vida” (CHIZIANE, 2010, p. 194). Ela vê no português a única possibilidade de garantir uma realidade que não seja de escassez para si e para os filhos. Delfina, metáfora de mulheres reais de Moçambique, sinaliza para uma situação ainda não resolvida nos espaços moçambicanos: a cor branca como elemento de ascensão social.

A discussão sobre a negação da própria cor é constante nesse romance. Quando Delfina leva José dos Montes para apresentá-lo à família como noivo, Serafina, a mãe da protagonista, contesta, pois quer que ela se case com um homem branco para garantir a mesa farta. Delfina alega que já está apaixonada. A progenitora tenta convencê-la de que ela é capaz de arrumar um homem branco. Delfina irrita-se e pergunta se a mãe prefere tê-la à venda. A personagem Serafina deixa claro para a filha a nulidade da mulher negra no contexto moçambicano:

- Vida de negra é servir, minha Delfina. Nos campos de arroz. Nas sementeiras e colheita de algodão para ganhar um quilo de açúcar ao mês ou uma barra de sabão que não cabe na palma da mão. Uma negra é força para servir em todos os sentidos. Foi uma grande sorte teres nascido bela, senão estarias a penar sob o sol abrasador, onde sanguessugas invisíveis provocam doenças e mortes nos pântanos. Tens sorte, tu serves na cama, tens mais rendimento. Porque deitas fora a tua sorte? (CHIZIANE, 2010, p.104-105).

A resposta da mãe, voz da experiência na narrativa, define não só o momento presente, mas também o passado e prevê um futuro de esfacelamento total para a descendente. As suas antecessoras viveram em um mundo em que a opressão masculina foi duplamente imposta – pelos costumes tradicionais e os do colonizador português –, logo na fala da mãe, está impressa a impossibilidade de fuga desse destino. O corpo se torna mero instrumento de sobrevivência para si e para a família, não há outra perspectiva senão a da comercialização do corpo. Percebe-se que a luta contra o engessamento do papel da figura feminina se dá também pela negação dessa com relação à sua cultura e raça, e a tentativa de aproximação ilusória da cultura do colonizador. Em testemunho publicado na *Revista Abril*, a autora deixa clara a sua perplexidade com a condição da mulher no mundo. Assim que saiu do campo para a cidade aos seis anos de idade, foi estudar numa escola católica e constata:

Apesar das grandes diferenças na educação da casa e da escola, encontrei harmonia na matéria que dizia respeito ao lugar da mulher na vida e no mundo. A educação tradicional ensina a mulher a guardar a casa e a guardar-se para pertencer a um só homem. A escola também ensinava a obediência e a submissão e preparava as raparigas para serem boas donas de casa, de acordo com o princípio cristão (CHIZIANE, 2013, p. 201-202).

Por ter essa lucidez, e consciente de seu papel como intelectual, a escritora faz a denúncia da submissão em que vive grande parte das mulheres negras e evidencia que muitas vezes o que lhes resta é a prostituição ou o casamento com um homem branco mesmo que não exista amor. Assim, elas se mantêm numa situação econômica estável.

É possível verificar ainda a crítica da romancista com relação à prostituição infantil em seu país. O capítulo doze do romance problematiza essa temática quando Delfina, ao se ver sem o amante branco, o português Soares, vai à procura das magias do feiticeiro Simba. Ele exige que ela lhe pague pelos serviços e, como não tem dinheiro, oferece a filha negra em troca dos benefícios de bruxaria, pois precisa garantir a manutenção da família e a posição social concedida por Soares; afinal, ela também já tinha sido vendida pela própria mãe na infância, em troca de comida. A opressão entre os iguais se torna uma prática comum, pois aprenderam com o colonizador português que a conquista do poder se faz pela exploração. É visível essa prática também no lar, quando

Delfina trata os filhos negros como escravos e os mestiços com regalia. Para ela, eram estes os responsáveis pela sua vida de privilégios.

Em suas análises sobre o conflito do negro com a sua cor, Frantz Fanon (2008), um grande estudioso da guerra colonial e um revolucionário da guerra pela libertação da Argélia afirma:

No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera densa de incertezas (p. 104).

A convivência desarmoniosa estabelecida entre colonizador e colonizado se instaura também entre os nativos e seus pares. É a partir desse cenário que a autora tece uma narrativa cuja “visão intimista do mundo e da condição feminina em Moçambique” (MATA, 2007, p. 431) é revelada. Em entrevista à revista *Buala*, Paulina Chiziane deixa claro que a inspiração para a escrita do livro *O Alegre Canto da Perdiz* se deu quando foi à Zambézia para trabalhar e se deparou com uma situação inusitada:

Eu tinha uma vizinha que era mulata ou mestiça (eu não diferencio estes termos). E havia uma mulher que varria e cozinhava na casa dela. Eu pensei que fosse empregada doméstica. Vim a saber pouco depois que não era empregada, mas irmã. E quem dava ordens na casa para as coisas funcionarem era a mãe, a mãe da mulata e da preta. A mulata quando volta deve ter a comida sempre pronta, a casa sempre limpa porque a filha negra tem de fazer este trabalho. Criei assim uma relação com a família. E a senhora preta, a mãe das duas, dizia: “Eu estou bem, tenho boas casas que o meu marido deixou, o meu marido branco. Tenho uma boa situação financeira, por causa do pai desta. Agora o pai da outra, o que é que me deu? Nada. Consigo comer e educar os filhos graças ao dinheiro que recebo do pai desta”. Portanto é a mãe que fica no meio que faz a distinção rácica. A mãe negra consegue ser mais racista do que os próprios filhos (CHIZIANE, 2014).

Nota-se, portanto, que os conflitos instaurados pela cultura europeia desestabilizaram a convivência entre os negros que tiveram de viver em situação de subjugação com relação aos brancos e, muitas vezes, entre os próprios negros e os mestiços. Estes, em sua maioria, são filhos de uma violação ou de uma relação adúltera, sendo também discriminados em muitas situações pelos negros e pelos brancos. Em

contrapartida, no lar, constantemente os mestiços tinham certos privilégios por serem filhos de europeus.

No romance *O Alegre Canto da Perdiz*, essa situação é muito bem delineada na convivência de Delfina com seus filhos mestiços e negros. Ela vive a realidade de grande parte das famílias mestiças da província da Zambézia. Reserva para os primeiros as melhores comidas porque estes lhe trouxeram lucro. Dessa forma, a progenitora projeta para si e para os filhos mestiços um futuro promissor, pois aprendeu com os brancos que a pele negra nada traz de conforto. Aos filhos negros, resta apenas a concretização do que já foi delineado pela soberania da cultura europeia: ser serviçal dos brancos e dos mestiços, filhos dos colonizadores.

Nos mestiços, a matriarca vê a possibilidade de ultrapassar as fronteiras que a separa das regalias das mulheres brancas e tenta realizar o desejo de também tornar-se uma delas: “[...]Ela já tinha um homem branco e filhos mulatos. Ela já falava bem o português e tinha a pele clareada pelos cremes e cabeleireiras postiças. Sou preta sim, só na pele. Já sou mais do que preta, casei com um branco” (CHIZIANE, 2010, p. 233). Num espaço onde somente a pele branca é digna de privilégios, torna-se comum o desejo de também ser branco, uma vez que a pele negra já fora estigmatizada pela dor, pela falta e por toda sorte de sofrimento que possa ser designada a um ser humano. É preciso compreender que, num contexto de negação da cor negra, “quanto mais [o negro] assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará a sua selva (FANON, 2008, p. 34).

Há também a necessidade de dominar a linguagem. Sobre a temática do conflito vivido pelo negro com relação à sua linguagem, Lewis R. Gordon, que prefaciou o livro *Pele negra, máscaras brancas* afirma que, embora os nativos “dominem” a língua dos colonizadores, não terão legitimidade. E é por acreditarem “neste fracasso da legitimidade” que os negros “*declaram uma guerra maciça contra a negritude*” (2008, p. 15, grifo nosso). Constatamos isto no romance quando a protagonista Delfina resolve casar com um homem negro, mas a cerimônia é feita no estilo do branco, pois “aquilo não era boda de preto, era pura vingança. Contra os padres que assediavam a Delfina, mas não lhe deixavam frequentar a igreja, chamando-a pecadora. Contra as freiras esquizofrênicas que a expulsaram da escola” (CHIZIANE, 2010, p. 116). Na tentativa de se rebelar contra a cultura da Europa portuguesa, a personagem vive o conflito do

assimilado: nega a sua cultura - ao celebrar a festa de casamento nos padrões europeus - e ratifica a cultura do dominador.

Após o casamento, a personagem Delfina lança-se em seu projeto de ser assimilada e, gradativamente, convence o marido a abrir mão da sua cultura e se tornar um assimilado. A assimilação passa a ser um meio de sobrevivência para a família. O personagem José dos Montes, sede aos desejos da mulher e age contra a própria vontade, tornando-se um soldado do exército português. Passa a ser, portanto, um dos opressores dos seus conterrâneos. Ciente da impossibilidade de ter o mesmo *status* do soldado branco, o sipaio tem crises de identidade, pois sabe que abandonou o lugar de pertença e que sempre será visto como o outro pelo colonizador. Recorremos aqui às considerações de José Luís Cabaço que em seus estudos constata:

As identidades do *assimilado* – até sua tomada de consciência social e política ou até dela se apropriar como instrumento de gestão da própria condição de colonizado e subjugado – foram contraditórias, ambíguas, muitas vezes esquizoides, dissociadas na ação e no pensamento” (2009, p. 119-120, grifo do autor).

Percebe-se ainda nas atitudes da protagonista, repúdio à sua cultura quando nasce a primeira filha, não permite que a sua primogênita seja submetida aos rituais locais, pois fez um juramento e renunciou a todas as práticas primitivas. Opta por viver a vida dos brancos. E, por meio da voz do narrador, identificamos o ponto de vista deste sobre estes conflitos:

A vida entre as gerações transformou-se nisto. Sempre discutindo ideias, vivências. Sem consenso, pisando areia movediça na viagem ao desconhecido. Os espíritos dos marinheiros montaram o palco na mente do homem negro. E os negros retiram as próprias raízes, tal como os pássaros velhos no final da estação. Distanciando-se cada dia mais de si próprios. Da sua essência. As árvores com raízes ao léu, balançam ao sabor da brisa. Sem sustento [...] (CHIZIANE, 2010, p. 158).

A família da personagem Delfina protagoniza a história da terra moçambicana que, dominada pelo colonizador português, vê-se na fronteira entre preservar os valores nativos e/ou negá-los, pois quer ser aceito pelo outro que representa o poder. Tentam amenizar a distância cultural, negando a sua própria cultura e, conseqüentemente, alienam-se. Esta nova forma de vida impõe-se de maneira esmagadora, já que obriga o autóctone a se despir de suas

origens, de sua cultura e assimilar a cultura alheia. Nessa fenda aberta pelo colonizador, funda-se um país dividido entre as mazelas do passado deixadas pelo período colonial e a vida presente ainda marcada pelos traumas desse período.

A escolha de Paulina Chiziane por personagens mestiças e negras dividindo o mesmo lar demonstra o seu desejo de representar a África - aquela dominada por portugueses – que assiste à desintegração do seu povo. Em entrevista à Maria Geralda de Miranda, a escritora afirma:

A Delfina é sem dúvida a representação de uma África que se viu prostituída, destituída da sua personalidade a ponto de, nalgumas ocasiões, desprezar-se e negar-se a si mesma, aspecto que, na obra, é representada pela Delfina que renega os filhos negros que são da sua raça, preferindo os da outra raça (2013, p. 355).

É incontestável o interesse da autora pelos problemas sociais de seu país. Sem receio, ataca as instituições e faz a denúncia mesmo estando ciente de que pode sofrer sanções sociais; e, sendo mulher nesse sistema patriarcal, sua ousadia toma uma imensa proporção. Ela demonstra consciência disso quando, em outra entrevista, afirma:

[...]Não fui muito bem recebida no meio literário quando comecei a escrever. Fui representada como a escritora que rompe com os tabus, mas sempre tive vontade de escrever aquilo que é novo. As pessoas ficaram chocadas, pois não esperavam que uma mulher entrasse em grandes temas e eu ia cada vez mais fundo (CHIZIANE, 2010, p. 174).

Sua escrita torna-se uma forma de resistência e de denúncia, já que desvela uma realidade até então silenciada e negligenciada pelo governo moçambicano. A igreja símbolo do poder colonial é um dos seus alvos no romance. Constatamos isso quando Jacinta, filha de Delfina, ao perceber que a mãe fará de sua casa um prostíbulo, procura a igreja, mas se depara com a omissão dos padres que poderiam lhe amparar:

Estes, cruzaram os braços e declararam: Já não é pura, não vale a pena, enquanto o padre, nas homilias gritava: que se acabe a escravatura, a exploração e o trabalho forçado. Que se liberte o povo e haja mais harmonia entre as raças. Que se pare com a deportação, para que as famílias possam crescer e viver unidas [...] (CHIZIANE, 2013, p. 274).

A igreja institucionaliza a opressão imposta pelos brancos, pelas suas atitudes ou pelos discursos ideológicos. É por meio dela que o assimilado é impedido de praticar os seus costumes religiosos, do contrário os filhos do negro não terão a educação formal e não serão reconhecidos como cidadãos civilizados pela metrópole. Todavia, as personagens, nesse romance, mesmo sendo assimiladas, buscam conselhos dos feiticeiros, o que se constitui uma prática subversiva. Sutilmente o colonizado demonstra a sua insatisfação com relação ao colonizador e delinea o seu espaço. Ao discutir sobre a religião cristã, no contexto do colonizado, Frantz Fanon afirma:

Uma Igreja nas colônias é uma Igreja de brancos, uma Igreja de estranhos. Ela não chama o homem colonizado para o caminho de Deus, mas para o caminho do branco, o caminho do senhor, o caminho do opressor. E, como sabemos, nessa história há muitos chamados e poucos escolhidos (2010, p. 59).

O Deus cristão não corresponde às aflições da mulher nesse contexto, pois Ele apresenta-se apático e impotente diante dos problemas que dizem respeito às questões do feminino. Seus representantes parecem estar preocupados apenas em fazer belos discursos, mas negligenciam em suas práticas. Eles têm a pretensão de corresponder aos interesses da metrópole que os mantém economicamente e que persiste na ideia de uma sociedade eminentemente patriarcal. Contudo, por meio do discurso indireto livre, o narrador revela-nos a consciência da personagem feminina com relação ao descaso da igreja para com a sua condição, como vimos no trecho do romance anteriormente mencionado. Para o pesquisador António Manuel Ferreira:

Alguns dos temas africanos trabalhados por Paulina Chiziane, embora surjam programaticamente localizados, podem ser transpostos para outras latitudes, por causa da sua dimensão intrinsecamente universal. No que diz mais diretamente respeito à questão religiosa, a escritora tende, por exemplo, a opor a presença sensorial e tangível das divindades africanas à abstração longínqua e inatingível do deus que veio de fora e foi imposto pela espada da cruz (2013, p. 89).

As personagens nos romances dessa escritora revelam as histórias de mulheres reais que buscam formas de escapar da subjugação determinada pelo poder colonial e reafirmada pela cultura tradicional de seu povo. O que vem ao encontro do que diz Antonio Candido sobre as personagens, que como ser fictício, comunicam “[...] a

impressão da mais lídima verdade existencial”. Para ele, “o romance se baseia, [...] num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste” (2009, p. 55). O cenário moçambicano é estrategicamente delineado no romance pelas mãos de alguém que vivencia as contradições do seu povo.

A condição da mulher negra, os conflitos vividos por ela com relação à sua cor e cultura são os principais temas abordados no romance *O Alegre Canto da Perdiz*. Por meio da narrativa, a autora revela um país esfacelado pela ganância do homem branco e em seguida apreendida pelo nativo. Embora dê prioridade às questões do feminino, evidencia também fatos que são próprios de muitas regiões da África como Moçambique, Angola, Cabo Verde, enfim, os países que foram explorados pela metrópole portuguesa. Opta por estar ao lado dos fracos e oprimidos e revelar para o mundo um contexto social que precisa ser visto e reelaborado.

Ao discutir essas temáticas em seus romances e em seus textos de opinião, a romancista se insere na categoria de intelectual defendida por Edward Said (2000), o qual afirma: “o propósito da atividade do intelectual é promover a liberdade humana e o conhecimento” (p. 32), e ainda afirma que o intelectual deve estar “ao lado dos fracos e dos que não têm representação” (p. 35). Segundo o teórico, não se pode falar de intelectual hoje de uma forma tão genérica como anteriormente, visto que houve a descentralização da Europa e do Ocidente com o “desmantelamento dos grandes impérios coloniais após a Segunda Guerra Mundial reduzindo assim a sua capacidade para iluminar intelectual e politicamente as então denominadas zonas obscuras do planeta” (2000, p. 37). Alega ainda que a aceleração das formas de viajar bem como dos meios de comunicação “criou uma nova consciência do que veio a chamar-se de ‘diferença’ e ‘alteridade’” (p. 37), portanto

falar sobre intelectuais hoje em dia implica abordarmos especificamente variantes nacionais, religiosas e mesmo continentais deste tópico, parecendo cada uma das quais exigir considerações distintas. Os intelectuais africanos ou árabes, por exemplo, inserem-se, uns e outros, num contexto histórico muito particular, com os seus próprios problemas, patologias, triunfos e peculiaridades (2000, p. 37).

Paulina Chiziane, como uma boa contadora de história, como ela mesma se denomina, transita entre os intelectuais que edifica a cultura do seu país, ao aproximar os

seus romances das narrativas orais, dos provérbios e das lendas populares do povo moçambicano, ou seja, embora critique muitos dos costumes tradicionais, valoriza aquilo que considera triunfo da cultura. Além disso, traz à tona a angústia do ser humano próprio desse contexto social, mas também de qualquer ser no mundo. Demonstra, inclusive, aquilo que pode ser considerado uma patologia, o desejo das personagens colonizadas com relação aos bens do colonizador. É o que fica evidente já nos primeiros capítulos do romance quando Delfina nos é apresentada:

Um dia terei uma casa destas, eu juro. Nesta vida, eu serei alguém. O coração da Delfina constrói cidades de néon. Com muita comida e muito vinho. No seu sonho é senhora e habita uma cidade de pedra. Com vestidos de renda. Criados pretos como ela que tratará de escravos [...] (CHIZIANE, 2010, p. 81).

Consideremos que, no contexto de África de língua portuguesa, o fato de a colonização ter se dado de forma violenta, tirando do nativo o poder de usufruir o direito à sua terra, alimentou nestes o desejo de readquirir o seu espaço e obter as benesses do colonizador, nem que para isso, precise usar da violência ou mesmo agir com opressão contra os seus iguais ou contra o colonizador. De acordo com Fanon,

O olhar que o colonizado lança sobre a cidade do colono é um olhar de luxúria, um olhar de inveja. Sonhos de posse. Todos os modos de posse: sentar-se à mesa do colono, deitar-se na cama do colono, se possível com a mulher dele. O colonizado é um invejoso. O colono não ignora isso e, surpreendendo o seu olhar vago, constata amargamente e sempre em alerta: 'Eles querem o nosso lugar'. É verdade, não há um colonizado que não sonhe, ao menos uma vez por dia, instalar-se no lugar do colono (2010, p. 56).

Por meio da literatura, a escritora Paulina Chiziane faz uma discussão sobre que foi o colonialismo e as consequências disso para o colonizador e o colonizado. Reinventa uma realidade quando, nos últimos capítulos do romance, faz a reconciliação das personagens, simbolicamente, representando os nativos moçambicanos. Demonstra que, apesar de todos os conflitos, uma convivência pacífica é possível. Claro que não a passividade do conformismo, mas da possibilidade de se fazer uma nova história no novo país que se desenha, um país de várias raças, escrito por um povo heterogêneo que

finalmente edifique as suas diferenças. Logo, a voz da autora se constitui um modo de provocação em seu contexto histórico-político-social.

## Referências

CABAÇO, José Luís. **Moçambique: identidade, colonialismo e libertação**. São Paulo: Editora UNESP, 2009.

CANDIDO, Antonio. A personagem do Romance. In: \_\_\_\_\_. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CHIZIANE, Paulina. **O Alegre Canto da Perdiz**. 2. ed. Maputo: Ndjara, 2010.

\_\_\_\_\_. CHIZIANE, Paulina. Entrevista à Maria Geralda de Miranda. À Paulina Chiziane. In: **Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos de Moçambique**. MIRANDA, Maria Geralda de; SECCO, Carmen Lúcia Tindó (Orgs) Curitiba: Editora Appris, 2013, p. 349-359.

\_\_\_\_\_. Eu, mulher... por uma nova visão do mundo. **Revista do Núcleo de Estudos de Literatura Portuguesa e Africana da UFF**, v. 5, n 10, Abril de 2013. ISSN: 19842090. Disponível em <<http://www.revistaabril.uff.br/index.php/revistaabril/article/view/144>>. Acesso em: 05.01.2018.

\_\_\_\_\_. Os anjos de Deus são brancos até hoje. **Buala**, 29 de nov. 2014. Entrevista à Doris Wieser. Disponível em <<http://www.buala.org/pt/cara-a-cara/os-anjos-de-deus-sao-brancos-ate-hoje-entrevista-a-paulina-chiziane>>. Acesso em 23.02.2018.

\_\_\_\_\_. Paulina Chiziane. Entrevista à Rosália Estelita Gregório Diogo. As diversas possibilidades de falar sobre o feminino. **Revista Scripta**, v. 14, n. 27, p. 173-182, 2010. ISSN: 2358-3428. Disponível em <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/4338/4485>>. Acesso: 05.01.2018.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

\_\_\_\_\_. **Os condenados da terra**. Tradução Enilce Albergaria Rocha, Lucy Magalhães. Juiz de Fora: Ed. UFRJ, 2010.

FERREIRA, António Manuel. Paulina Chiziane: A poesia da prosa. In: MIRANDA, Maria Geralda de; SECCO, Carmen Lúcia Tindó (Orgs.). **Paulina Chiziane: vozes e rostos femininos de Moçambique**. Curitiba: Editora Appris, 2013, p. 85-96.

GORDON, Lewis R. Prefácio. In: FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

MATA, Inocência. Mulheres de África no espaço da escrita: A inscrição da mulher na sua diferença. In: **A mulher em África**. Vozes de uma margem sempre presente. Inocência Mata. Laura Cavalcanti Padilha (Orgs) Lisboa: Colibri, 2007, p. 421-440.

SAID, Edward. **Representações do intelectual**: As Palestras de Reith. Lisboa: Colibri, 2000.